

1

A Noite de Natal

As velas estavam acesas e a sua luz atravessava o cristal. Em cima da mesa havia coisas maravilhosas e extraordinárias: bolas de vidro, pinhas douradas e aquela planta que tem folhas com picos e bolas encarnadas. Era uma festa. Era o Natal.

Então Joana foi ao jardim. Porque ela sabia que nas Noites de Natal as estrelas são diferentes.

Abriu a porta e desceu a escada da varanda. Estava muito frio, mas o próprio frio brilhava. As folhas das tílias, das bétulas e das cerejeiras tinham caído. Os ramos nus desenhavam-se no ar como rendas pretas. Só o cedro tinha os seus ramos cobertos.

E muito alto, por cima das árvores era a escuridão enorme e redonda do céu. E nessa escuridão as estrelas cintilavam, mais claras do que tudo. Cá em baixo era uma festa e por isso havia muitas coisas brilhantes: velas acesas, bolas de vidro, copos de cristal. Mas no céu havia uma festa maior, com milhões e milhões de estrelas.

Joana ficou algum tempo com a cabeça levantada. Não pensava em nada. Olhava a imensa felicidade da noite no alto céu escuro e luminoso, sem nenhuma sombra.

2

O Cavaleiro da Dinamarca

No entanto, a maior festa do ano, a maior alegria, era no Inverno, no centro do Inverno, na noite comprida e fria do Natal.

Então havia sempre grande azáfama em casa do Cavaleiro. Juntava-se a família e vinham amigos e parentes, criados da casa e servos da floresta. E muitos dias antes já o cozinheiro amassava os bolos de mel e trigo, os criados varriam os corredores, e as escadas e todas as coisas eram lavadas, enceradas e polidas. Em cima das portas eram penduradas grandes coroas de azevinho e tudo ficava enfeitado e bri-lhante. As crianças corriam agitadas de quarto em quarto, subiam e desciam a correr as escadas, faziam recados, ajudavam nos preparativos. Ou então ficavam caladas e, cismando, olhavam pelas janelas a floresta enorme e pensavam na história maravilhosa dos três reis do Oriente que vinham a caminho do presépio de Belém.

Lá fora havia gelo, vento, neve. Mas em casa do Cavaleiro havia calor e luz, riso e alegria.

E na noite de Natal, em frente da enorme lareira, armava-se uma mesa muito comprida onde se sentavam o Cavaleiro, a sua mulher, os seus filhos, os seus parentes e os seus criados.

Os moços da cozinha traziam as grandes peças de carne assada e todos comiam, riam e bebiam vinho quente e cerveja com mel.

Terminada a ceia começava a narração das histórias. Um contava histórias de lobos e ursos, outro contava histórias de gnomos e anões. Uma mulher contava a lenda de Tristão e Isolda e um velho de barbas brancas contava a lenda de Alf, rei da Dinamarca, e de Sigurd. Mas as mais belas histórias eram as histórias do Natal, as histórias dos Reis Magos, dos pastores e dos Anjos.

A noite de Natal era igual todos os anos. Sempre a mesma festa, sempre a mesma ceia, sempre as grandes coroas de

azevinho penduradas nas portas, sempre as mesmas histórias. Mas as coisas tantas vezes repetidas, e as histórias tantas vezes ouvidas pareciam cada ano mais belas e mais misteriosas.

Até que certo Natal aconteceu naquela casa uma coisa que ninguém esperava. Pois terminada a ceia o Cavaleiro voltou-se para a sua família, para os seus amigos e para os seus criados, e disse:

- Temos sempre festejado e celebrado juntos a noite de Natal. E esta festa tem sido para nós cheia de paz e alegria. Mas de hoje a um ano não estarei aqui.

- Porquê? - perguntaram os outros todos com grande espanto.

- Vou partir - respondeu ele. - Vou em peregrinação à Terra Santa e quero passar o próximo Natal na gruta onde Cristo nasceu e onde rezaram os pastores, os Reis Magos e os Anjos. Também eu quero rezar ali. Partirei na próxima Primavera. De hoje a um ano estarei em Belém. Mas passado o Natal regressarei aqui e, de hoje a dois anos estaremos, se Deus quiser, reunidos de novo.

Naquele tempo as viagens eram longas, perigosas e difíceis, e ir da Dinamarca à Palestina era uma grande aventura. Quem partia poucas notícias podia mandar e, muitas vezes, não voltava. Por isso a mulher do Cavaleiro ficou aflita e inquieta com a notícia. Mas não tentou convencer o marido a ficar, pois ninguém deve impedir um peregrino de partir.

Na Primavera o Cavaleiro deixou a sua floresta e dirigiu-se para a cidade mais próxima, que era um porto de mar. Nesse porto embarcou, e, levado por bom vento que soprava do Norte para o Sul, chegou muito antes do Natal às costas da Palestina. Dali seguiu com outros peregrinos para Jerusalém.

Visitou um por um os lugares santos. Rezou no Monte do Calvário e no Jardim das Oliveiras, lavou a sua cara nas águas do Jordão e viu, no luminoso Inverno da Galileia, as águas azuis do lago de Tiberíade. Procurou nas ruas de Jerusalém, no testemunho mudo das pedras, o rasto de sangue e sofrimento que ali deixou o Filho do Homem perseguido, humilhado e condenado. E caminhou nos montes da Judeia, que um dia ouviram anunciar o mandamento novo do amor.

Quando chegou o dia de Natal, ao fim da tarde, o Cavaleiro

dirigiu-se para a gruta de Belém. Ali rezou toda a noite. Rezou no lugar onde a Virgem, São José, o boi, o burro, os pas-tores, os Reis Magos e os Anjos tinham adorado a criança acabada de nascer. E, quando na torre das Igrejas bateram as doze badaladas da meia-noite, o Cavaleiro julgou ouvir, num cântico altíssimo cantado por multidões inumeráveis, a oração dos Anjos:

«Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade».

Então desceu sobre ele uma grande paz e uma grande confiança e, chorando de alegria, beijou as pedras da gruta.

Rezou muito, nessa noite, o Cavaleiro. Rezou pelo fim das misérias e das guerras, rezou pela paz e pela alegria do mundo. Pediu a Deus que o fizesse um homem de boa vontade, um homem de vontade clara e direita, capaz de amar os outros. E pediu também aos Anjos que o prote-gessem e guiassem na viagem de regresso, para que, daí a um ano, ele pudesse celebrar o Natal na sua casa com os seus.

3

Natal

Natal...na província neva.
Nos lares aconchegados,
Um sentimento conserva
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,
Como a família é verdade!
Meu pensamento é profundo,
Estou só e sonho saudade.

E como é branca de graça
A paisagem que não sei,
Vista de trás da vidraça
Do lar que nunca terei!

PESSOA, Fernando, *O Natal na Poesia, Cancioneiro*
In Cadernos do F.A.O.J., série C, nº1

4

Natal

Hoje é dia de ser bom.

É dia de passar a mão pelo rosto das crianças,
de falar e de ouvir com mavioso tom,
de abraçar toda a gente e de oferecer lembranças.

É dia de pensar nos outros – coitadinhos – nos que padecem,
de lhes darmos coragem para poderem continuar a aceitar a
sua miséria,
de perdoar os nossos inimigos, mesmo aos que não
merecem,
de meditar sobre a nossa existência, tão efémera e tão séria.

Comove tanta fraternidade universal.
É só abrir o rádio e logo um coro de anjos,
como se de anjos fosse,
numa toada doce,
de violas e banjos,
entoa gravemente um hino ao Criador.
E mal se extinguem os clamores plangentes,
a voz do locutor
anuncia o melhor dos detergentes.

De novo a melopeia inunda a Terra e o Céu
e as vozes crescem num fervor patético.
(Vossa Excelência verificou a hora exacta em que o Menino
Jesus nasceu?
Não seja estúpido! Compre imediatamente um relógio de
pulso antimagnético.)

Torna-se difícil caminhar nas preciosas ruas.
Toda a gente se acotovela, se multiplica em gestos,
esfusiante.
Todos participam nas alegrias dos outros como se fossem
suas
e fazem adeuses enlucados aos bons amigos que passam
mais distantes.

Nas lojas, na luxúria das montras e dos escaparates,
com subtis requintes de bom gosto e de engenhosa dinâmica,
cintilam, sob intenso fluxo de milhares de quilovates,
as belas coisas inúteis de plástico, de metal, de vidro e de
cerâmica.

Os olhos acorrem, num alvoroço liquefeito,
ao chamamento voluptuoso dos brilhos e das cores.
É como se tudo aquilo nos dissesse directamente respeito,
como se o Céu olhasse para nós e nos cobrisse de bençãos e
favores.

A Oratória de Bach embruxa a atmosfera do arruamento.
Adivinha-se no ar uma roupagem diáfana a embrulhar-se no
ar.

E a gente, mesmo sem querer, entra no estabelecimento
e compra – louvado seja o senhor! – o que nunca tinha
pensado comprar.

Mas a maior felicidade é a da gente pequena.
Naquela véspera santa
a sua comoção é tanta, tanta, tanta,
que nem dorme serena.

Cada menino
abre um olhinho
na noite incerta
para ver se a aurora
já está desperta.
De manhãzinha
salta da cama,
corre à cozinha
mesmo em pijama.

Ah!!!!!!!!!!!!!!!

Na branda macieza
da matutina luz
aguarda-o a surpresa
do Menino Jesus.

Jesus,

o doce Jesus
o mesmo que nasceu na manjedoura,
veio pôr no sapatinho
do Pedrinho
uma metralhadora.

Que alegria
Reinou naquela casa em todo o santo dia!
O Pedrinho, estrategicamente escondido atrás das portas,
fuzilava tudo com devastadoras rajadas
e obrigava as criadas
a caírem no chão como se fossem mortas:
tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá.
Já está!
E fazia-as erguer para de novo matá-las.
E até a mamã e o sisudo papá
fingiam
que caíam
crivados de balas.

Dia da Confraternização Universal,
dia de Amor, de Paz, de Felicidade,
de Sonhos e Venturas.
É dia de Natal.
Paz na terra aos Homens de Boa Vontade.
Glória a Deus nas Alturas.

GEDEÃO, António, *Poesias completas*,
in *O Natal na poesia*, Cadernos do F.A.O.J., série C, nº 1
Portugália Editora, Lisboa

5

Três poemas de Natal

I

Um Deus à nossa medida...
A fé sempre apetecida
De ver nascer um menino
Divino
É habitual.
A transcendência à lareira
A receber da fogueira
Calor sobrenatural.

II

Estranho Menino Deus é o dum poeta
O que nasce e renasce há muitos anos
Na minha noite de Natal, fingida,
Mas corresponde à imagem conhecida
Das sucursais do berço de Belém.
É uma criança tímida que vem
Visitar os meus sonhos e, ao de leve,
Com mãos discretas, tece
Um poema de neve
Onde depois se deita e adormece

III

Leio o teu nome
Na página da noite:
Menino Deus...
E fico a meditar
No milagre dobrado
De ser Deus e menino.
Em Deus não acredito.
Mas de ti como posso duvidar?
Todos os dias nascem
Meninos pobres em currais de gado.
Crianças que são ânsias alargadas
De horizontes pequenos.
Humanas alvoradas...
A divindade é o menos...

O Natal do Sr. Scrooge e os sinos de Ano Novo

Certa vez — de todos os santos dias do ano, este era a véspera de Natal — estava o velho Scrooge sentado a trabalhar no seu escritório. Fazia um tempo frio, glacial e agreste e além disso enevoadado. Ouvia lá fora no pátio as pessoas que iam e vinham buliçosamente, batendo com as mãos no peito e com os pés nas pedras da calçada, para os aquecerem. Os relógios da cidade tinham acabado de bater as três, mas já estava bastante escuro — durante todo o dia não tinha havido muita luz — e as velas tremeluziam nas janelas dos escritórios vizinhos, como manchas rosadas de encontro ao ar acastanhado. O nevoeiro começou a penetrar em cada fenda e em cada fechadura e era tão denso lá fora que, embora o pátio fosse dos mais estreitos, as casas fronteiriças não passavam de espectros. Ao ver a nuvem escura descer, escurecendo tudo, poderia julgar-se que a natureza mal existia e que estava a preparar uma tempestade em larga escala.

A porta do escritório de Scrooge estava aberta, para que pudesse ir vigiando o seu empregado, que copiava cartas num exíguo cubículo em frente, uma espécie de tanque. Scrooge tinha um fogo pequeníssimo, mas o do empregado era tão mais pequeno que parecia ser apenas um carvão e não podia reabastecê-lo porque Scrooge guardava a caixa do carvão no seu escritório e, claro, quando o empregado apareceu com uma pá, o patrão avisou-o de que tinham de repartir. Por conseguinte o empregado pôs o seu cachecol e tentou aquecer-se na vela, no que falhou por ser um homem de fraca imaginação.

— Feliz Natal, tio! Deus o salve! — gritou uma voz alegre. Era a voz do sobrinho de Scrooge, o qual se dirigiu a ele tão rapidamente que aquilo foi o primeiro sinal da sua aproximação.

— Bah! — disse Scrooge —, aldrabices!

Este sobrinho de Scrooge aquecera de tal maneira com a caminhada apressada pelo nevoeiro e geada que todo ele irradiava calor. O rosto era rosado e bonito, os olhos brilhavam e o seu hálito fumegava.

— O Natal é uma aldrabice, tio?! — disse o sobrinho de Scrooge. — Tenho a certeza de que não fala a sério.

— Falo — disse Scrooge. — Feliz Natal! Que direito tens tu de te sentires feliz? Que razão tens para ser feliz? És muito pobre.

— Deixe-se disso — retorquiu o sobrinho jovialmente. — Que direito tem o tio de estar triste? Que razão tem para estar taciturno? É muito rico.

Scrooge, não tendo melhor resposta pronta de repente, disse «Bah!» outra vez e repetiu:

— Aldrabices!

— Não esteja zangado, tio! — disse-lhe o sobrinho.

— Que mais posso eu estar — objectou o tio —, vivendo num mundo destes? Feliz Natal! Deixa-te de Feliz Natal! O que é para ti o Natal além da época de pagar as contas sem dinheiro, altura de dares contigo mais velho um ano, mas nem uma hora mais rico, altura de fazeres o balanço das tuas contas e teres cada parcela delas, em todos os doze meses do ano, com um saldo negativo? Se eu pudesse agir à minha vontade — disse Scrooge, indignado —, todo o idiota que anda para aí com essa de «Feliz Natal» na boca devia ser cozinhado com o seu pudim e enterrado com uma estaca de azevinho espetada no coração. Isso é que devia!

— Tio! — suplicou o sobrinho.

— Sobrinho! — respondeu o tio asperamente. — Vive o Natal à tua maneira que eu vivo-o à minha.

— Vive-o! — repetiu o sobrinho de Scrooge. — Mas o senhor não o vive.

— Então deixa-me não o viver — disse Scrooge. — Vale de muito! Sempre te valeu de muito!

— Eu diria que há muitas coisas das quais talvez tenha tirado algo de bom e de que não tirei nenhum lucro — retorquiu o sobrinho. — Entre elas o Natal. Mas sei que sempre pensei no Natal — não falando na veneração devida ao seu sagrado nome e origem, se é que algo a ele ligado pode estar afastado dela —, pensei nele sempre como uma época boa; uma época de perdão, de caridade e de alegria; a única época de todo o ano, que eu saiba, durante a qual homens e mulheres parecem abrir, de comum acordo e livremente, os seus corações fechados e pensar nos que estão abaixo deles como se de facto fossem seus companheiros de viagem para a sepultura e não uma outra raça de seres destinados a outras viagens. E por isso, meu tio, ainda que ele não me tenha metido ao bolso uma só migalha de ouro ou de prata, acredito que me tem feito bem e me fará... bem e digo: bendito seja!

O empregado que estava no cubículo aplaudiu involuntariamente. Apercebendo-se imediatamente da inconveniência, atçou o lume e apagou definitivamente a última e téflue centelha.

— Que eu oiça outro som teu — disse Scrooge — e vais viver o teu Natal sem emprego! V. Ex.a é um grande orador

— acrescentou virando-se para o sobrinho—, até admira não estar no Parlamento!

— Vá lá tio, não se zangue. Olhe, venha jantar connosco amanhã.

Scrooge despediu-se dele — foi o que fez. E utilizou toda a extensão da expressão dizendo que o queria ver à distância.

— Mas porquê? — gritou o sobrinho de Scrooge, — Porquê?

— Porque é que te casaste? — disse Scrooge.

— Porque estava apaixonado.

— Porque estavas apaixonado! — rosou Scrooge, como se aquilo fosse no mundo a única coisa mais ridícula do que um feliz Natal. — Boa tarde!

— Não, tio, mas antes de isso ter acontecido o senhor nunca me foi visitar. Porque apresenta agora isso como razão para não ir?

— Boa tarde — disse Scrooge.

— Não lhe peço nada. Nada quero de si. Porque é que não havemos de ser amigos?

— Boa tarde — disse Scrooge.

— Lamento de todo o coração vê-lo tão irredutível. Nunca houve entre nós qualquer discussão, na qual eu tivesse sido participante. Mas em homenagem ao Natal fiz a minha tentativa e manterei a minha boa disposição de Natal até ao fim, por isso, tio: Feliz Natal!

— Boa tarde! — disse Scrooge.

— E Feliz Ano Novo!

— Boa tarde! — disse Scrooge.

O sobrinho deixou a sala sem uma palavra exaltada e sem oposição. Parou na porta exterior para apresentar ao empregado as saudações da época e aquele, embora frio como estava, conseguiu ser mais caloroso que Scrooge, porque lhas retribuiu cordialmente.

7

Noite de Natal

E caía, o algodão em rama! Caía, sim senhor! Bonito! Felizmente que a Senhora dos Prazeres ficava perto. Se a brincadeira continuasse, olha, dormia no cabido! O que é, sendo assim, adeus noite de Natal em Lourosa...

Apressou mais o passo, fez ouvidos de mercador à fadiga, e foi rompendo a chuva de pétalas. Rico panorama!

Com patorras de elefante e branco como um moleiro, ao cabo de meia hora de caminho chegou ao adro da ermida. À volta não se enxergava um palmo sequer de chão descoberto. Caiados, os penedos lembravam penitentes.

Não havia que ver: nem pensar noutro pouso. E dar graças!

Entrou no alpendre, encostou o pau à parede, arreou o alforge, sacudiu-se, e só então reparou que a porta da capela estava apenas encostada. Ou fora esquecimento, ou alguma alma pecadora forçara a fechadura.

Vá lá! Do mal o menos. Em caso de necessidade, podia entrar e abrigar-se dentro. Assunto a resolver na ocasião devida... Para já, a fogueira que ia fazer tinha de ser cá fora. O diabo era arranjar lenha.

Saiu, apanhou um braçado de urgueiras, voltou, e tentou acendê-las. Mas estavam verdes e húmidas, e o lume, depois dum clarão animador, apagou-se. Recomeçou três vezes, e três vezes o mesmo insucesso. Mau! Gastar os fósforos todos, é que não.

Num começo de angústia, porque o ar da montanha tolhia e começava a escurecer, lembrou-se de ir à sacristia ver se encontrava um bocado de papel.

Descobriu, realmente, um jornal a forrar um gavetão, e já mais sossegado, e também agradecido ao Céu por aquela ajuda, olhou o altar.

Quase invisível na penumbra, com o divino filho ao colo, a Mãe de Deus parecia sorrir-lhe.

— Boas festas! — desejou-lhe então, a sorrir também.

Contente daquela palavra que lhe saíra da boca sem saber como, voltou-se e deu com o andor da procissão arrumado a um canto. E teve outra ideia. Era um abuso, evidentemente, mas paciência. Lá morrer de frio, isso vírgula! Ia escavacar o arcanho. Olarila! Na altura da romaria que arranjassem um novo.

Daí a pouco, envolvido pela negrura da noite, o coberto,

não desfazendo, desafiava qualquer lareira afortunada. A madeira seca do palanquim ardia que regalava; só de se cheirar o naco de presunto que recebera em Carvas crescia água na boca; que mais faltava?

Enxuto e quente, o Garrinchas dispôs-se então a cear. Tirou a navalha do bolso, cortou um pedaço de broa e uma fatia de febra, e sentou-se. Mas antes da primeira bocada a alma deu-lhe um rebate e, por descargo de consciência, ergueu-se e chegou-se à entrada da capela. O clarão do lume batia em cheio na talha dourada e enchia depois a casa toda.

— É servida?

A Santa pareceu sorrir-lhe outra vez, e o menino também.

E o Garrinchas, diante daquele acolhimento cada vez mais cordial, não esteve com meias medidas: entrou, dirigiu-se ao altar, pegou na imagem e trouxe-a para junto da fogueira.

— Consoamos aqui os três — disse, com a pureza e a ironia dum patriarca. — A Senhora faz de quem é; o pequeno a mesma coisa; e eu, embora indigno, faço de S. José.

TORGA, Miguel, *Novos contos da montanha*,
COIMBRA

Conto de Natal

Ora entre Enganim e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engelhara dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E, sobre ambos, espessamente a miséria cresceu como o bolor sobre cacos perdidos num ermo. Até na lâmpada de barro vermelho secara há muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão ou côdea. No Estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves malélicas sobrava o sustento!

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse rabi que aparecera na Galileia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a corte de Salomão. A mulher escutava, com olhos famintos. E esse doce rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce rabi! quantos o desejavam, que se desesperavam! A sua fama andava por sobre toda a Judeia, como o sol que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por toda a Galileia para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Sétimo, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem, por seu mando, a Cesareia. Errando, esmolando por tantas estradas, ele topara os servos de Obed, depois os legionários de Sétimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandálias rotas, sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar de uma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse rabi que amava as criancinhas, ainda as mais pobres, sarava os males, ainda mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— Oh filho! e como queres que te deixe, e me meta aos caminhos, à procura do rabi da Galileia? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areais e colinas, desde Chorazim até ao país de Moab. Sétimo é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hébron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dor mora connosco, dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre, sobre enxerga tão rota?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

— Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

— Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce rabi. Oh filho! Talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O Céu o trouxe, o Céu o levou. E com ele para sempre morreu a esperança dos tristes.

De entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

— Aqui estou.

9

Os putos

«Uma destas só a mim, tropeçar neste atraso de vida!» — reflecte o senhor Fortunato, embora na verdade quisesse dizer: “neste atraso de morte”. Mas queria mesmo? O olhar triste do rapazito lançara dentro de si a semente da perturbação. Nunca o senhor Fortunato fora olhado como agora. Às vezes um cão vadio seguia-o humildemente até à porta de casa e era tudo. Mas aquilo ali não era um cão, era um ser humano, uma criatura pensante, alguém que ele despertava duma realidade opressiva de frio e escuridão para a quente e luminosa sensação da esperança. Sim, porque havia nos olhos tristes do rapazito uma tímida expectativa, uma mensagem contida, um apelo silencioso. Sente o senhor Fortunato pesar-lhe a responsabilidade. Pesar-lhe?... Oh, não! Sente-se mas é leve, isso sim, tão leve que bastará soprar-lhe aos calcanhares para ele subir às estrelas, pois já lhe corre nas veias a voluptuosidade da vida, já nasce em si o conhecimento duma nova força. Há quem precise dele! Bimbalham sinos no seu coração e a esses repiques de alma juntam-se, subitamente, barulhos festivos em toda a cidade pestanejante de luzes.

— Morreu o Ano Velho, viva o Ano Novo! — exclama, alvoraçado.

— Anda, cabeça de burro, vamos festejar! Deve haver por aí cafés abertos, cheios de gente aos pinotes. Tens fome?

— Não senhor.

— Tretas! Anda, é mais que tempo de quebrares esse jejum.

Acompanha-o o rapazito com prontidão.

- És capaz de levar a minha pasta, cabeça de burro?

O rapazinho pega-lhe na pasta.

- Não a deixes cair – torna o senhor Fortunato, muito satisfeito.

— Se ma perdes, cabeça de burro, aqueço-te o rabo à bengalada.

Ouve cá: parece-te que ...?

Cala-se o senhor Fortunato ao sentir a mão do rapazito na sua. Que emoção!...

Andando, nota que continuam a fixá-lo aqueles olhos tristes, onde já reluz, ansiosa e morna, a esperança.

- Quem é o senhor?

O senhor Fortunato sacode-lhe a mão com rudeza:

— Que importa! Olha, sou o Pai Natal. Mas não espalhes a notícia, senão cai-me em cima toda a ganapada da cidade. Fica só cá entre

nós, cá entre nós, cabeça de burro.

— Está bem — diz o rapazito, na sua voz rouca. — Mas pare de me chamar nomes.

— Gosto de te ouvir falar assim. Tens fibra, aço no sangue, vais ser alguém na sociedade — assegura-lhe o senhor Fortunato. —

A propósito, diz-me cá: puseram-te ao menos um nome, tens um nome mesmo teu? Como te chamas?

— Vítor.

— Muito bem, Vítor, passas a ser meu secretário. Não deixes cair a pasta.

Lá vão eles a entrar risonhamente num café recheado de luz, de calor, de barulho, de comida... Nos bolsos do senhor Fortunato ainda há dinheiro bastante para

dois copos de leite e torradas. Mas depois?... Nem quero pensar!

Uma coisa é certa:

a pressão daquela mão infantil na sua ligara-o com solidez à corrente da humanidade. E, dito isto, resta-me desejar a ambos um próspero Ano Novo – e já agora

a todos vós, em especial àqueles de quem depende a felicidade de alguém.